ANO 13.º — Sabado, 13 de Março de 1920 — Numero 614

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(*)—
PROPRIEDADE da EMPREZA
Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. dos S. Martires—AVEIRO.
Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Continua a farça

Ainda que inconfundivelmente os factos e as provas, dia a dia, venham em nosso auxilio, corroborando quanto aqui temos escrito como protesto contra o descalabro politico em que vivemos, a farça continua.

Em oito dias, quatro ministrios! E, para cumulo, os democraticos no Poder, os democraticos a mandar!

Bastará essa condição para antevermos que a politica até agora seguida se prolongará indefinidamente com proveito apenas dos apaniguados e da clientela do palanfrorio pomposo e fartas baforadas de patriotismo com que se enfeitam as proclamações e os programas do estilo.

Fizeram-se ministros a esmo, constituindo-se um governo com figuras, algumas das quaes, são uma irrisão, um perfeito sarcasmo.

Mas... temos mais um ministerio e nestas palavras se resume tudo quanto no momento presente, de tão profundissima gravidade, poderiamos dizer á face da situação.

No nosso espirito a mesma ansiedade, a mesma duvida, a mesma tristêsa pelo que se observa e dolorosamente atinge o coração dos que á Republica deram tudo sem nunca lhe pedirem nada.

NOVO ESCANDALO

—(*)—

Pela comissão de sindicancia ao extinto ministerio dos Abastecimentos, foi descoberto, ha dias, um novo escandalo que vem outra vez pôr em fóco a honorabilidade do antigo director daquele estabelecimento do Estado, Pereira Coelho, sobre quem pesam gráves acusações, que já vieram a publico e que tiveram até como consequencia a sua detenção.

Consiste a nova irregularidade, que a comissão atribue áquele funcionario, nas condições em que se efectuou uma compra de carvão.

No extinto ministerio dos Abastecimentos comprava-se carvão... com terra, numa mistura em que o carvão só entrava com a percentagem de 20 por cento! Para pagamento dessa *mistura*, e em obediencia ás condições do contrato, foram abertos dois créditos e porque isso constitue uma falcatrua das de marca maior, um abuso, um roubo, estâmos por certos que sevéras contas hãode ser pedidas aos seus autores depois de averiguado, com exatidão, tudo quanto diga respeito aos prejuizos de que o tesouro tenha sido alvo por parte da quadrilha chefiada por o tal Pereira Coelho.

Pelo menos é isto que a parte sã do país exige, que em nome dos interesses da nação e do prestigio da Republica ouvimos reclamar e a cujo dever nos associámos tambem.

Choque iminente

Entre dois comboios que ontem de manhã saíram das estações de Quintans e Aveiro esteve para se dar no trajecto um violento choque, que, felizmente, foi evitado devido á coragem duma guarda da linha, que, de bandeira em punho e possuida do maior sangue frio os fez parar a tempo de se evitar a catastrofe.

Alguns passageiros ainda chegaram a precipitar-se das carruagens, mas sem consequencias de maior.

A DERROCADA

Então ainda quereis que haja duvidas sobre a sorte que espera o partido democratico, *o mais forte partido da Republica*, como em termos bombasticos o réclamavam os diferentes orgãos, sanfonas e realejos?

Os ultimos acontecimentos deram-lhe mais uma enxadada e se de todo lhe não abriram a cóva pouco lhe hade faltar.

Os nossos vaticinios estão proximo a realisar-se. Os fados prestes a cumprir-se. Quer queiram quer não os scepticos, os faciosos e os burros, tudo se prepara para, no fim de tantos anos de luta pelos bons principios, termos a satisfação, que tambem póde ser mágoa, de vêr como a verdade resalta em tudo quanto escrevemos e fizemos arquivar nas colunas deste semanario.

A carta enviada esta semana pelo snr. dr. Alvaro de Castro ao Directorio e que a falta de espaço nos obriga a guardar para o numero imediato, é mais um sintoma da desagregação democratica e portanto da derrocada que se aproxima. Alvaro de Castro era, ninguem o contesta, a figure maxima do partido que acaba de abandonar. Depois de Afonso Costa, ninguem de maior relevo e prestigio o egualava. Por isso a sua falta será insuperavel, a sua ausencia um motivo a mais para apressar o dobre de finados.

E se não, veremos...

CRISE

Os ultimos acontecimentos produzidos pelas gréves dos empregados dos caminhos de ferro do Estado, do pessoal dos correios e telegrafos, do funcionalismo publico e de algumas classes trabalhadoras, trouxeram, como consequencia, a queda do gabinete Domingos Pereira, uma nova salgalhada politica em que cada vez mais se acentuou a desorganisação dos partidos e, por fim, a formação doutro ministerio moldado na mesma fórma dos anteriores, para ir atamancando a vida, visto que de outra coisa não achâmos capazes as competencias que o compõem.

E se não vejâmos:

Presidencia e interior—**Coronel Antonio Maria Baptista.**

Justiça—**Ramos Preto.**

Finanças—**Pina Lopes.**

Estrangeiros—**Xavier da Silva.**

Colonias—**Fernando d'Utra Machado.**

Guerra—**Estevam Aguas.**

Marinha—**Judice Bicker.**

Instrução—**Dr. Vasco Borges.**

Trabalho—**Bartolomeu Severino.**

Comercio—**Anibal Lucio de Azevedo.**

Agricultura—**João Luiz Ricardo.**

Escusado será dizer que, prodigo em promessas, este governo não fica a dever nada aos anteriores. *Baratear a vida, conseguir receitas e estabelecer a ordem*, eis os pontos principaes do programa com que se apresenta ao país e que realmente poderiam ser executados se... se as cautelas deixassem ou os homens tivessem prestigio para isso.

Mas, como se poderá alimentar essa esperança se nem uma nem outra coisa se dá?

Para honra da Republica, salvem a nação!

—(*)—

No mar encapelado da politica — não obstante os sinaes persistentes do camaroeiro—pódem considerar-se naufragadas todas as barcaças que nele navegavam sem rumo, sem orientação, sem guia. Foi tudo para o fundo! Tudo por agua abaixo! Catastrofe tremenda, que cobre de crépes o coração de muitos portuguêses, mas prevista desde que o país começou a ser governado—POR VERDADEIRAS QUADRILHAS DE LADRÕES.

Ha, porêm, sobreviventes capazes de regeneração, no meio do lodaçal em que os naufragos se debatem e que aparecem ainda como uma garantia, uma esperança? Ha, felizmente. Pois bem: que esses formem um exercito, um baluarte, uma coluna e se proponham resgatar do passado ignominioso a honra da Republica, salvando a nação. Estâmos com eles. Com eles deverão estar tambem os que não só comungam no mesmo ideial, como os autenticos, os verdadeiros patriotas, a quem, nesta hora tragica, fazemos identico apêlo.

UMA VOZ

—0—

Antero do Quental, escrevendo certo dia ao seu intimo amigo João Lobo de Moura, diz-lhe:

Pensei que me ia anunciar a sua estada em Lisboa e eis que me diz não saber ainda *quando* nem se será transferido. Gosto da resposta do Barjona: têm um merecimento aquele rapaz, que o distingue no meio dos seus sodales; é a franquêza no cinismo; creio que por isso ficará na historia do constitucionalismo português como uma especie de M. de Calonne, sabe, aquele ultimo e cinicamente espirituoso ministro de Luiz XVI, que o Michelet nos descreve empurrando alegremente para o abismo a velha monarquia.

A *independencia* de ordem juridica no atual regimen é uma coisa engraçadissima! Mas quê, meu caro, o regimen que está para vir, com a gente que o prepara, ainda nos hade mostrar coisas mais bonitas. **V. faz lá ideia dos republicanos portuguêses!** Tive ocasião de os tratar de perto este ano, e declaro-lhe que quasi lhes fiquei preferindo o proprio Barros e Cunha, o proprio Melicio, o proprio Santos e Silva!

Creio que teremos a Republica em Portugal, mais ano, menos ano;mas, francamente, não o desejo, a não ser num ponto de vista todo pessoal, como espectaculo e ensino. Falam da Espanha com desdem—e ha de quê—mas eles, os briosos portuguêses, estão destinados a dar ao mundo um espectaculo republicano ainda mais curioso; se **a republica espanhola é de doidos, a nossa será de garotos.**

Que vos parece? Dirigimo-nos aos republicanos ponderados, aos republicanos honestos, aos republicanos que, como nós, responsabilidade alguma teem nessa choldra que para aí se estadeia num estrebuchar hediondo de colareja sifilisada—que vos parece?

Temos ou não temos de aceitar Antero como um vidente, um profeta, um migromante autorisado?

Madame Brouillard não vaticinaria melhor, nem tão bem, nem com tanta propriedade.

Que vos parece?

AOS ASSINANTES DE AVEIRO

—(*)—

A administração deste jornal, em virtude dos seus multiplos compromissos, que deseja saldar com a devida pontualidade, leva ao conhecimento dos presados subscritores, residentes na cidade, que se vê obrigada a fazer neste momento uma cobrança adiantada de 6 mezes, se tanto, pedindo a todos o bom acolhimento do respectivo recibo, apenas, pelo habitual cobrador, lhe seja apresentado.

Esses documentos correspondem, na sua quasi totalidade, á quantia de 1$20, sendo 6 mezes, ou mais, já vencidos e o restantes por vencer. Mas ha-os tambem de quantia superior, de alguns assinantes em atrazo e alguns só de $60 dos que se encontram em dia. Estendendo o nosso apêlo a uns e outros, esperâmos que nenhum deixe de o atender, favor esse que antecipadamente, muito reconhecidos, agradecemos.

Grupo de opereta

Com a maior parte dos principaes elementos do extinto grupo de zarzuela *Tricanas e Galitos*, que durante anos tão boas noites nos proporcionou e tão grandes sucessos obteve, acaba de organisar-se um outro grupo que muito em breve tenciona apresentar-se com peças de maior vulto.

A *première* será feita com a encantadora opereta em 4 actos *O moleiro de Alcalá*, cuja partitura do maestro Placido Sticheni se tornou notavel, sendo o scenario e guarda-roupa novos.

Os ensaios devem principiar por estes dias, pelo que são dignos dos maiores encomios os incansaveis organisadores da *troupe*.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Proclamação

O novo governo, ao empunhar as redeas do Poder, dirige-se nestes termos ao país:

Cidadãos!
Portuguêses!

O governo assume o poder em hora angustiosa para a nação e para a Republica. Tem a plena e dolorosa consciencia das dificuldades a vencer. Não se ilude; e quer proclamar ao país a inteira verdade da sua situação. Toda a vida colectiva se encontra abalada até aos fundamentos. Ha a confusão nos espiritos e a indisciplina nas ruas. Um nada mais e a ordem será subvertida—e no cáos todo o trabalho se tornará inutil, todo o esforço vão. E' impossivel crear e produzir na convulsão da tempestade. E produzir e crear é a palavra de ordem atravez do mundo, e é, e terá de ser a nossa. Está pobre o Estado, e em face do Estado, como se em verdade ele não representára a nação, a cada um e a todos, alevantam-se as implacaveis reclamações baseadas no direito de viver. Reconheceu o governo esse direito, mas como expressão concreta, nesta hora, do mesmo Estado, exige tambem o dever, por banda dos reclamantes, de que não subvertam o país na falencia e na ruina, em nome e pela força de intransigencia dos seus egoismos. Quer isto significar, em claras e terminantes palavras:—o governo afirma-se na disposição de satisfazer as petições dos funcionarios do Estado até ao limite das suas possibilidades. Transige com o que fôr justo e estiver dentro da capacidade do tesouro publico. Mas, se transige, não capitulará. Por orgulho do mando? De modo algum. Mas pelo dever de não sacrificar a nação, que é de todos, ao desnorteado apetite de alguns. Mal serviria o governo o posto de honra e confiança para onde foi arremessado pelos acontecimentos, que não por vontade dos homens que o constituem, se assim não pensasse e, assim pensando, claramente o não dissesse. O governo exorta, pois, o funcionalismo publico, em nome da Patria, da sua salvação e da vida nacional, a retomar os seus logares, depois da solene promessa que acaba de formular e cumprirá após o rapido e justiceiro estudo dos seus pedidos.

Sabe o governo não bastar o aumento a conceder, se outras, urgentes, imediatas medidas não tomar. Não basta acrescentar os ganhos. E' preciso estabilisar ou diminuir o custo das subsistencias. Esta redução far-se-á em bréves dias, poucos dias—não em todos os géneros, mas nalguns. Far-se-á por medida de utilidade publica e com inabalavel decisão. Todos os direitos de propriedade serão respeitados, com a condição de que essa propriedade não atente contra o seu dever de contribuir para a existencia colectiva.

Ha lucros exagerados. E' necessario que haja apenas o legitimo lucro de todo o trabalho e de qualquer esforço produtivo.

Exige-o a tranquilidade publica. Eis as terminantes declarações do governo. Nenhumas outras palavras mais se tornam necessarias.

Porque o governo procurará falar pouco e praticar o maximo. Prefere a acção do vocabulo—acção energica, decidida, implacavel—por bem da Patria e por honra da Republica.

Conta com todos os republicanos, porque a nenhuns desconhecerá os seus direitos e ha de tudo fazer por afastar quanto possa desuni-los, procurando tudo quanto seja capaz de os aproximar. Está certo tambem, neste momento, mais que nenhum sombrio, do apoio da nação inteira que não quer subverter-se e reage contra todos os fermentos de dissolução, num esplendido impulso que sái das profundezas da raça e ha de, afinal, irromper vitoriosa.

Portuguêses:—O governo convida-vos a cerrar fileiras em redor do altar da Patria em perigo—por vós, por vossos filhos, pelo vosso interesse, pela integridade nacional.

Viva a Nação!
Viva a Republica!

O PROGRAMA

—=(*)=—

Muito interessante a resposta dada pelo coronel, snr. Antonio Maria Baptista, chefe do novo gabinete e ministro do Interior, a um *reporter* que o interrogou sobre o programa do ministerio:

— Ordem publica, ordem publica e ordem publica, disse.

O novo ministerio procurará solucionar as gréves atuaes e resolver, alêm doutros, o problema dificil das subsistencias.

No intuito de solucionar as gréves, dirigirá o governo um apêlo patriotico aos grévistas. Se não dér resultado, usará de meios suasorios e se ainda assim esses resultados forem nulos, fará o que fôr preciso, visto que a sua divisa é ordem publica, ordem publica e ordem publica.

Muito bem. Diz mesmo muito bem o snr. coronel Baptista. Mas como póde haver ordem se a fóme alastra provocada pela subida constante dos géneros de primeira necessidade, sem que apareça quem ponha côbro á exploração infame exercida sobre o consumidor? Como póde haver ordem se os ladrões do povo continuam á solta, se a vida está cada vez mais dificil, mercê da incuria dos governos, que nada teem feito para a suavisar, tornando-se indignos da consideração publica? Como póde haver ordem se a politica neste país, mas a politica baixa, a politica de corrilho, absorve todas as horas em lutas vergonhosas, não deixando trabalhar os poucos que desejam cumprir o seu dever?

A ordem precisa de ser mantida, concordâmos. Todavia ha razões que nos levam a exigir, primeiro que tudo e antes de tudo, que o problema das subsistencias seja devidamente estudado e quanto mais cêdo possivel resolvido de fórma a evitar convulsões e ainda maiores desgraças do que aquelas a que tem dado logar a ganancia desmedida dos exploradores, dos traficantes, dos grandes ladrões, enfim.

Só deste modo, snr. coronel Baptista, só por esta fórma V. Ex.ª poderá ficar habilitado a adotar medidas rigorosas, energicas, decisivas, para manter a ordem desde que ela seja alterada.

De contrario, não!

Que a fóme opõe-se a que haja tranquilidade nos espiritos, socêgo nas almas, paz no coração.

NOVA EMPREZA

—=(*)=—

Com a denominação de *Empresa Electro-Oceanica*, acaba de construir-se em Aveiro outra sociedade por cotas, com o capital de 250:000 escudos, que tem por objectivo a utilisação de quédas de agua ou outra força motriz na produção de energia electrica; fornecimento dessa energia para todas as suas utilisações, quer publicas quer particulares, inclusivé a tracção; construção dum porto para barcos de grande cabotagem junto ao Forte da Barra; construção para exploração dum casino-hotel na Praia do Farol; construção para rendas de casas de habitação na mesma praia e exploração de quaesquer industrias ou ramos de comercio que a gerencia proponha á respectiva assembleia geral, com exclusão dos negocios bancarios.

A tracção será constituida por um caminho de ferro electrico assente em estrada de macadame, desde esta cidade até Cantanhede, passando por Ilhavo, Vagos e Mira e por um ramal para o Forte da Barra e Farol, ou por outros quaesquer que a assembleia geral, sobre proposta da gerencia, deliberar estabelecer. Esta é composta dos snrs. João de Almeida, antigo coronel do Estado Maior de cavalaria; José Celestino Regala, major de engenharia e Antonio Augusto de Moraes Machado, major de infanteria.

Da sociedade fazem parte alêm dos cidadãos acima indicados, mais os snrs. dr. José de Almeida, professor do liceu da Guarda; Julio de Almeida, proprietario e farmaceutico na mesma cidade; D. Julia de Almeida, idem; Manuel de Almeida, antigo major de infanteria, do Porto; Conde de Agueda; D. Clara Mendes Leite; dr. José Vieira Gamelas; dr. Joaquim Peixinho; dr. Jaime Duarte Silva; Severim Duarte, da Mourisca e o Banco Regional de Aveiro, Limitada.

Tratando-se, como se trata, de melhoramentos para a nossa terra, para esta região, não podemos deixar de louvar a iniciativa dos que, com tanta coragem, se abalançaram á constituição da emprêsa, desejando que tudo lhes corra á medida dos seus desejos.

As gréves e as suas consequencias

—(*)—

As gréves neste malfadado país teem tomado um caracter tão intenso e persistente que já não podemos passar sem esta violencia para pedirmos ou reclamarmos o que se julga de justiça!

Isto assim não póde continuar de maneira nenhuma. Ou nós nos deixâmos completamente de tais expedientes ou a nossa ruína será um facto inevitavel com todas as suas consequencias tetricas e funestissimas.

As gréves teem sido alimentadas pelos proprios governos e á custa da brandura dos nossos costumes, visto que se se adotassem meios inergicos que obstassem as imposições que deprimem e rebaixam, que desautorisam e envergonham, as gréves não seriam tão frequentes, nem os grevistas teriam vontade de constantemente embaraçar a vida económica do país. Assim, com todas as condescendencias, os governos evidentemente ficam numa situação deprimente, sem autoridade para se impôr, dando em resultado o cáos que se está vendo.

Então não ha a imprensa onde se possa discutir a razão que assiste a qualquer classe? Não temos o parlamento, com os seus representantes, para punir pelos interesses de cada cidadão perante os homens que nos governam?

Não temos a liberdade de organisar congressos para discutir e estudar as diferentes fórmas de melhorar a situação das varias classes, como ainda ha pouco o notariado e o tabelionato fizeram?

Temos, pois, muitos meios suasorios sem se chegar á paralisação dos serviços publicos, sem dar incomodo á policia e ao exercito.

Quando a justiça está do nosso lado não ha governo que não atenda a essa mesma justiça.

Não vai da primeira. Mas vai da segunda ou da terceira. A questão é teimar e saber pedir.

Eu concordo que ha funcionarios publicos que cumprem com a sua obrigação e o seu ordenado é para morrerem de fóme, eles e familia, quando a teem. Tambem sei que ha muitos empregados que nada produzem e alguns deles nem sequer vão á sua repartição, a não ser no fim de cada mez para assinar o recibo e receberem o ordenado. Isto é uma pura verdade.

Ora se existem estas desigualdades, como de facto existem, porque é que o numero de funcionarios, que é grande, não reclama para que se tire dos que ganham mais e produzem menos, para aqueles que ganham menos e produzem mais? Era uma medida justa e racional que está dentro da logica.

Eu sempre parti do principio de que, a quem trabalha e tem competencia, não se lhe deve negar a paga do seu merecimento. Por outro lado: abomino quem, por sistema, deixa de cumprir as suas obrigações, e explora o Estado, não tendo, portanto, direito a reclamar.

Os funcionarios, que realmente não ganham para comer e se sentem lesados que peçam, insistam dentro da ordem, sem a *parede* da gréve.

Milhares de contos nos tem custado já todas as reclamações desde que foi decretada a lei que dá o direito á gréve. A cifra é simplesmente pavorosa!

Portanto, em principio, acho que as gréves tal qual as organisam, são prejudiciaes e teem sempre um fundo de violencia com que eu, em parte, me não conformo, a não ser em casos extremos muito excepcionaes.

Por Deus e pela Patria Portuguêsa urge que se ponham de parte tais expedientes. Olhem que a Patria precisa do carinho de nós todos, de alento que a ajude a resistir á morte que se aproxima. Sejâmos humanos com quem não tem culpa das loucuras dos homens e inspiremo-nos no amor que devemos ter por aquilo que é nosso, por aquilo que os nossos antepassados souberam conquistar atravéz de mil sacrificios.

Precisâmos de paz, de calma, de tranquilidade. Precisâmos de entrar, sem demora, no caminho da justiça e da equidade. Mas para isso ter-se-á de fazer uma selecção rigorosa dos que trabalham e produzem e dos que não produzem por nada fazerem. E' assim que eu encaro a questão sem querer saber se sim ou não agrado a quem está costumado a viver á custa do Estado sem cumprir com os seus deveres e obrigações.

José G. Gamelas

ESPECTACULO

—=(*)=—

Realisou-se no sabado, como fôra anunciada, a récita promovida pelos academicos do liceu desta cidade, com enorme concorrencia de espectadores, que por completo enchiam a casa.

Abriu o espectaculo o professor José Tavares, lendo uma substanciosa sintese ácerca de *Gil Vicente e a origem do teatro português*, durante a qual o estudante Fernando de Souza, recitou, com propriedade, o monologo do Vaqueiro, que só pecou por não ter sido dito para a plateia, onde se deveria supôr o principe recemnascido, evitando-se assim que a personagem em scena, estivesse quasi sempre de costas para o publico, impressionando mal.

As representações das obras de Gil Vicente, pela sua fraseologia arcaica e pela remota antiguidade dos assuntos versados, abstraindo do seu regular desempenho e do magnifico e apropriado guarda-roupa, á maioria dos espectadores não agradaram. Sem duvida que a escolha desses numeros se ligou com o caracter que se quiz imprimir ao espectaculo; mas em taes casos procura-se e escolhe-se uma assistencia correspondente.

Da pena do snr. José Tavares subiu á scena um *pochade* — *O lobo e as raposas* — com ditos e situações engraçadas que fizeram rir o publico, obtendo unanimes aplausos quer os interpretes quer o autor.

A velha comedia *Ressonar sem dormir*, apezar da sua larga exibição, arrancou estrondosas gargalhadas aos espectadores que festejaram com demorados aplausos os que nela entraram.

Um numero foi preenchido pelo estudante Guerra Moraes, que cantou magnificamente o *Fado das capas*, ouvindo muitos aplausos, e outro por um gracioso grupo de meninas, alunas do liceu, que numa interessante *marcha de ginastica*, acompanhada a canto, arrancou nutridas palmas, sendo bisado, assim como o antecedente.

Todos os improvisados actores se esforçaram por realçar nos seus papeis, conseguindo-o sem dificuldade, pelo que no final do espectaculo foram chamados e aplaudidos conjuntamente com os ensaiadores, ponto, caricaturista, etc.

Consta-nos que o grupo representará as mesmas peças em Leiria, onde, em excursão de estudo, conta ir este ano, antes do encerramento das aulas.

Parabens! Parabens!

—*—

Numa extensa e interminavel lista de nomes que acaba de vir a publico com os louvores do governo por serem de individuos que, por ocasião do ultimo movimento monarquico, desempenharam serviços e praticaram actos de que resultou honra e lustre para o país, figura, como não podia deixar de ser, um, que, se não aparecesse especialisado, até ardia Troia. Porêm, o governo do snr. Domingos Pereira, que, em escrupulos, era o que toda a gente viu, não se esqueceu, e ainda bem, e assim temos que na lista lá aparece escarrapachado, com todas as letras, o inclito correligionario e eminentissimo republicano, Firmino de Vilhena, redactor do *Campeão das Provincias!!!*

Pois é verdade, lá vem no rol. Firmino de Vilhena, redactor do *Campeão das Provincias!!!*

De Aveiro é ele e a *Cruzada das Mulheres Portuguêsas*. Por isso nos não podemos conter sem expandir os mil parabens que a distinção nos acaba de provocar. E a nossa alegria é tanta, o nosso contentamento tão grande, que até vâmos tomar uma purga para sairem mais, muitos mais com que nos queremos associar á graça, aromatisando-a...

NECROLOGIA

Vitimada por um doloroso sofrimento nefritico, faleceu a mãe do sr. José Pinheiro Palpista, empregado menor na Escola Industrial desta cidade.

Os nossos pêsames.

Predio

Vende-se, com quintal, o da Rua Manuel Firmino, n.º 22.

Para tratar com Joaquim Nunes Ferreira—Oliveirinha.

Notas mundanas

Tem estado bastante doente em consequencia dum ataque gripal, a snr.ª D. Ermelinda Cardoso, de quem é medico assistente o nosso amigo, dr. Eugenio Couceiro, seu genro, que desde o principio não mais abandonou a cabeceira da enferma.

Fazemos votos pelas suas melhoras.

== *Como consequencia duma queda gravissima, tambem tem guardado o leito a esposa do sr. João Gaioso.*

== *Esteve nesta cidade o snr. dr. Eduardo Lemos, juiz no ultramar.*

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 11

Estâmos tambem sem correio devido á gréve que se declarou na classe, que tem por director geral o snr. Antonio Maria da Silva. E que falta que ele nos faz! Apezar de que muito maior ainda deve ser a experimentada pelo comercio e pela industria, dois dos principais factores da vida do país, que é, afinal, quem paga todas as diferenças.

Oxalá o conflito se solucione bréve a vêr se isto de alguma fórma entra nos eixos.

—— Tem feito nos ultimos dias um frio insuportavel, vendo-se a serra completamente coberta de neve.

—— Adoeceu nas Quintans o honrado negociante de madeiras, sr. Antonio Pereira.

—— Acha-se quasi restabelecido da gráve enfermidade que o reteve algumas semanas na cama, o snr. Joaquim José de Barros, da Povoa de Valado.

—— Continuam a escassear os artigos de primeira necessidade e de uso domestico, alguns dos quaes teem atingido preços fabulosos.

Que desgraça, a nossa!

C.

Verdemilho, 11

Ainda se não desvaneceu de todo a impressão causada pelo desastre que vitimou o filho do sr. José da Almeida Vidal, e que trouxe não só o luto á sua desolada familia, como a consternação a este logar onde era geralmente estimado. O funeral do infeliz foi dos mais concorridos que aqui se teem realisado. Encorporou-se nele tambem a musica de Ilhavo e sobre o ataúde, alêm de muitas flôres naturaes, via-se uma corôa oferecida pelo sr. João Neves, de quem o desventurado era empregado.

—— Com pouca demora esteve entre nós o snr. José Nunes Branco, residente em Oliveira do Bairro.

—— Continuam a sair para fóra do país muitos rapazes destes sitios, pelo que a agricultura se vai resentindo de uma grande falta de braços.

—— A neve dos ultimos dias já causou alguns estragos, principalmente nos vinhos e batataes que estavam nascidos.

—— Deu á luz uma creança do sexo masculino a esposa do snr. Adelino da Silva, por cujo motivo o felicitâmos.

C.

ANUNCIOS